

Então é importante pensar?

Michel Foucault (Entrevista)

"*Est-il donc important de penser?*" Entrevista com Didier Eribon. Libération, n° 15, 30-31 maio de 1981, p. 21. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, pp. 178-182, por Wanderson Flor do Nascimento.

- *A noite das eleições¹; questionado sobre suas primeiras reações, você não quis responder. Mas hoje você se sente mais à vontade para falar...*

- Com efeito, eu considero que votar é em si uma maneira de agir. Depois que se está no governo, de agir a sua volta. Agora é chegado o tempo de reagir a isso que começa a ser feito.

De todo modo, é preciso considerar que as pessoas são maduras o bastante para se decidir sozinhas no momento do voto e para se alegrar depois se for preciso. Parece-me, aliás, que elas estão bem esclarecidas.

- *Então quais são suas reações hoje?*

- Três coisas me surpreendem. Depois de uns vinte anos, uma série de questões foi colocada pela sociedade mesma. E essas questões durante muito tempo não foram admitidas na política "séria" e institucional.

Os socialistas parecem ter sido os únicos a perceber a realidade dos problemas, a fazer eco - o que, sem dúvida, não foi estranho à sua vitória. Em segundo lugar, em relação a esses problemas (penso sobretudo na justiça ou na questão dos imigrantes), as primeiras medidas ou as primeiras declarações estão absolutamente conforme a isso que poderia chamar de uma "lógica da esquerda", pela qual Mitterrand foi eleito.

Em terceiro lugar, o que é mais notável, as medidas não vão no sentido da opinião majoritária. Nem sobre a pena de morte, nem sobre a questão dos imigrantes, as escolhas não seguiram a opinião mais corrente.

Veja que maluquice que se pôde dizer sobre a inanição de todas essas questões colocadas no curso desses últimos dez ou quinze anos; isso que se pôde dizer sobre a inexistência de uma lógica de esquerda na maneira de governar; isso que se pôde dizer sobre as facilidades demagógicas das primeiras medidas que seriam tomadas. Sobre o mais importante, os imigrantes, a justiça, o governo tem ancorado suas decisões nos problemas realmente colocados, ao se referir a uma lógica que não vai no sentido da opinião majoritária. E eu estou certo de que a maioria aprova esta maneira de fazer, quando não as medidas mesmas. Não digo, ao dizer isso, que está tudo feito e já se pode ir descansar. Essas primeiras medidas não são uma lei, mas elas são, entretanto, mais que gestos simbólicos.

Compare com isso que Giscard fez no dia seguinte de sua eleição: um aperto de mão nos prisioneiros. Era um gesto puramente simbólico endereçado a um eleitorado que não era o seu. Hoje, se tem um primeiro conjunto de medidas efetivas que pode ser tomado na contramão de uma parte do eleitorado, mas assinalando um estilo de governo.

- *É, com efeito, toda uma outra maneira de governar que parece tomar lugar.*

- Sim, é um ponto importante e que pôde aparecer desde a vitória de Mitterrand. Parece-me que esta eleição foi experimentada como uma forma de acontecimento-vitória, isto é, uma modificação entre governantes e governados. Não que os governados tenham tomado o lugar dos governantes. Apesar de tudo, agiu um deslocamento na classe política. Entra-se em um governo partidário com os perigos que isso comporta, e isso não se pode esquecer nunca.

Mas o que está em jogo a partir desta modificação é saber se é possível estabelecer entre governantes e governados uma relação que não será uma relação de obediência, mas uma relação na qual o trabalho terá um papel importante.

- *Você quer dizer que vai ser possível trabalhar com esse governo?*

- É preciso sair do dilema: ou se é a favor ou se é contra. Apesar de tudo, se pode estar diante e de pé. Trabalhar com um governo não implica nem sujeição nem aceitação global. Pode-se ao mesmo tempo trabalhar e ser teimoso. Penso mesmo que as duas coisas caminham juntas.

- *Depois do Michel Foucault crítico é que se vai ver o Michel Foucault reformista? Era, mesmo assim, uma reprovação frequentemente endereçada: a crítica dirigida pelos intelectuais não clareia nada?*

- Eu responderia, de início, sobre o ponto do "não dar em nada". Há centenas e milhares de pessoas que trabalharam na emergência de um certo número de problemas que são hoje efetivamente colocados. Dizer que isso

1 Chegada da esquerda ao poder, com a eleição de François Mitterrand à presidência da República.

não deu em nada é completamente falso. Você pensa que há vinte anos se colocava os problemas da relação entre doença mental e a normalidade psicológica, o problema da prisão, o problema do poder médico, o problema da relação entre os sexos, etc., como se os coloca hoje?

Por outro lado, não há reformas em si. As reformas não se produzem no ar, independente daqueles que as fazem. Não se pode não ter em conta esses que geraram essa transformação.

E sobretudo, não creio que se possa opor crítica e transformação, a crítica "ideal" e a transformação "real".

Uma crítica não consiste em dizer que as coisas não estão bem como estão. Ela consiste em ver sobre que tipos de evidências, de familiaridades, de modos de pensamento adquiridos e não refletidos repousam as práticas que se aceitam.

É preciso se liberar da sacralização do social como única instância do real e parar de considerar rapidamente esta coisa essencial na vida humana e nas relações humanas, quero dizer, o pensamento. O pensamento existe além ou aquém dos sistemas ou edifícios de discurso. É algo que se esconde frequentemente, mas anima sempre os comportamentos cotidianos. Há sempre um pouco de pensamento mesmo nas instituições mais tolas, há sempre pensamento mesmo nos hábitos mudos.

A crítica consiste em caçar esse pensamento e ensaiar a mudança: mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si, não o seja mais em si. Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais.

Nestas condições, a crítica (e a crítica radical) é absolutamente indispensável para toda transformação. Pois uma transformação que permaneça no mesmo modo de pensamento, uma transformação que seria apenas uma certa maneira de melhor ajustar o pensamento mesmo à realidade das coisas, seria apenas uma transformação superficial.

Por outro lado, a partir do momento em que se começa a não mais poder pensar as coisas como se pensa, a transformação se torna, ao mesmo tempo, muito urgente, muito difícil e ainda assim possível.

Então, não há um tempo para a crítica e um tempo para a transformação. Não há os que fazem a crítica e os que transformam, os que estão encerrados em uma radicalidade inacessível e aqueles que são obrigados a fazer concessões necessárias ao real. Na realidade, eu acredito que o trabalho de transformação profunda pode apenas ser feita ao ar livre e sempre excitado por uma crítica permanente.

- Mas você acha que o intelectual deve ter um papel programador nesta transformação?

- Uma reforma não é nunca mais do que o resultado de um processo no qual há conflito, afrontamento, luta, resistência...

Dizer na entrada do jogo: "qual é, então, a reforma que eu vou poder fazer?" Isso não é para o intelectual, penso, um objetivo a perseguir. Seu papel, já que precisamente ele trabalha na ordem do pensamento, é de ver até onde a liberação do pensamento pode chegar a engendrar essas transformações bastante urgentes para que se tenha desejado fazê-las, e bastante difíceis de fazer para que elas se inscrevam profundamente no real.

Trata-se de tornar os conflitos mais visíveis, de torná-los mais essenciais que os simples afrontamentos de interesses ou simples bloqueios institucionais. Desses conflitos, desses afrontamentos devem sair uma nova relação de forças do qual o contorno provisório será uma reforma.

Se não houve na base o trabalho do pensamento sobre ele mesmo e se efetivamente os modos de pensamento, isto é, dos modos de ação não foram modificados, qualquer que seja o projeto de reforma, sabe-se que será fagocitado, digeridos pelos modos de comportamentos e de instituição que serão sempre os mesmos.

- Depois de ter participado de numerosos movimentos, você esteve um pouco retraído. Você entrará novamente nestes movimentos?

- Cada vez que eu tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que eu vi desenrolar em torno de mim. É porque pensei reconhecer nas coisas que vi, nas instituições às quais estava ligado, nas minhas relações com os outros fissuras, abalos surdos, disfunções que eu empreendia um trabalho, alguns fragmentos de autobiografia.

Não sou um ativista recuado que hoje gostaria de retomar o serviço. Meu modo de trabalho não tem mudado muito, mas o que eu espero dele é que continue ainda a me mudar.

- Diz-se que você é bastante pessimista. Em seu entender, se creia mais otimista?

- Há um otimismo que consiste em dizer: de todo modo, isso não pode ser melhor. Meu otimismo consiste mais em dizer: tantas coisas podem ser mudadas, frágeis como são, ligadas a mais contingências do que necessidades, a mais arbitrariedades do que evidências, mais a contingências históricas complexas mas passageiras do que a constantes antropológicas inevitáveis... você sabe dizer: somos muito mais recentes do que cremos, isto não é uma maneira de abater sobre nossas costas todo o peso de nossa história, é mais colocar à disposição do trabalho que podemos fazer sobre nós a maior parte possível do que nos é apresentado como inacessível.